

Curso de Férias para Professôres de Geografia

Tem constituído permanente preocupação do Conselho Nacional de Geografia, o intercâmbio com instituições e professores de Geografia, para o que organizou na Divisão Cultural, um cadastro dos estabelecimentos de ensino e de professores de Geografia do país, além do intercâmbio de publicações geográficas que mantém com professores e instituições de ensino de outros países. A divulgação dos conhecimentos geográficos do Brasil, através do livro, tem levado o nome do Conselho aos mais longíquos e importantes centros culturais do mundo. Os livros da Biblioteca Geográfica Brasileira, a *Revista Brasileira de Geografia*, o *Boletim Geográfico*, os mapas em várias escalas, o *Atlas do Brasil*, a *Carta ao Milionésimo*, *Tipos e Aspectos do Brasil*, editados em sucessivas tiragens, são atestados eloqüentes da presença do Conselho, onde se apresente o ensino da Geografia: nas bibliotecas públicas ou particulares; nas cátedras; nas carteiras dos estudantes; nas paredes das escolas, que são cobertas com seus mapas. Nas soluções dos grandes problemas do país, o Conselho está sempre presente. Os estudos por êle realizados, e divulgados através de suas publicações, são solicitados, a cada momento, pelos técnicos, parlamentares, autoridades responsáveis no encaminhamento dos problemas cuja solução depende de conhecimentos de nossa terra.

Êstes conhecimentos, o Conselho tem levado, sob os mais variados aspectos àqueles que dêles precisam, através das páginas de suas inúmeras publicações.

Outro meio de divulgação dos conhecimentos geográficos, e do qual o Conselho não se tem descurado, é o contacto pessoal, atraindo para o centro cultural do Brasil, que é o estado da Guanabara, os disseminadores da Geografia no interior do país e principalmente no nível médio, o professor secundário de Geografia.

Aqui êle tem possibilidade de enriquecer seus conhecimentos, ao mesmo tempo que poderá contribuir com ob-

servações regionais, onde determinados problemas, às vêzes, são encarados sob prismas diferentes.

Há anos, o Conselho manteve uma série de palestras, quinzenais onde eram debatidos temas de caráter geográfico que constituíam verdadeiros seminários, onde o assunto era debatido e analisado sob todos os ângulos; foram as tertúlias, que se encontram publicadas no *Boletim Geográfico* e que podemos considerar precursoras dos atuais cursos de férias.

Agora, o Conselho tornou permanentes os cursos de férias, que eram dados a título precário.

O "Curso de Férias para Aperfeiçoamento de Professôres de Geografia do Ensino Secundário," realiza-se de 14 de janeiro a 14 de fevereiro de cada ano, e o "Curso de Informações Geográficas," realiza-se nas férias de julho. A êstes cursos têm ocorrido professores de Geografia do curso secundário, de vários colégios e ginásios dos estados da Federação, o que bem mostra sua utilidade para os professores do interior do país.

Para o "Curso de Férias" do corrente ano (janeiro/fevereiro), foi organizado um programa minucioso, prevendo horário, local de aulas, conferências, seminários, visitas a serviços técnicos, excursões. As aulas foram ministradas, obedecendo ao esquema aqui apresentado:

A — AULAS

METODOLOGIA DA GEOGRAFIA — Prof. PEDRO PINCHAS GEIGER — (4 aulas).

1.^a Objeto da Geografia.

Ciência de fenômenos do "gru-pamento" e de "massa (CAMILLE VALLAUX); de combinações" ANDRÉ CHOLLEY); da "organização do espaço" (PIERRE GEORGE).

A complexidade da superfície terrestre. O princípio da zonalidade.

2.^a *A Geografia Física e a Geografia Humana.*

Geografia Geral e Geografia Regional.

As regiões naturais; a hierarquização de regiões naturais.

As regiões humanas, sua hierarquização.

3.^a *Os limites da Geografia Física.*

As ciências auxiliares da Geografia Física.

A metodologia das análises de Geografia Física; as técnicas.

4.^a *A Geografia Humana.*

Estudo da população, de suas atividades, da sua organização do espaço.

A metodologia das análises em Geografia Humana; as técnicas.

Conclusões.

CLIMATOLOGIA GERAL DO BRASIL — Prof. CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO — (5 aulas).

1.^a INTRODUÇÃO Súmula dos estudos climatológicos no Brasil. Bibliografia básica.

Os progressos no campo da Meteorologia e seus reflexos no estudo de clima. O método dinâmico e o conceito geográfico de clima. Utilidade no campo da pesquisa e sobretudo no do ensino.

2.^a AS BASES DA COMPREENSÃO GEOGRÁFICA DOS CLIMAS BRASILEIROS — O quadro sul-americano e suas escalas climáticas. O Brasil.

a) *Os fundamentos meteorológicos:* A circulação das massas de ar e o ritmo anual da sucessão dos tipos de tempo.

3.^a b) *A aplicação geográfica do método dinâmico* — A compreensão da gênese dos climas regionais brasileiros.

Exercícios práticos — Análise de seqüências de cartas do tempo.

4.^a O PROBLEMA DA APLICAÇÃO DE SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA AO BRASIL — Os tipos climáticos do Brasil segundo as principais classificações. Comentário crítico. A importância da *explicação* da gênese sobre a *descrição quantitativa*. Considerações finais.

5.^a Sugestão do corpo discente e direção do Curso.

GEOMORFOLOGIA GERAL E DO BRASIL — Prof. ALFREDO JOSÉ PÓRTO DOMINGUES — (5 aulas).

1.^a EVOLUÇÃO DAS VERTENTES —

1. — O problema do estudo da paisagem em geomorfologia.

1.A. — As superfícies de aplainamento marinhas.

1.A.a — Os terraços marinhos.

2.A. — Os rios.

3.A. — As vertentes — sua evolução e importância — o cientificismo do passado.

3.A.1. — O balanço morfogenético das encostas.

3.A.1.a — A componente perpendicular à superfície e os processos e fatores que implicam no maior ou menor desenvolvimento da mesma.

3.A.1.b — A componente paralela à superfície — Os processos que englobam.

3.A.1.c — A interdependência dos processos.

3.A.1.c.1 — Caso em que a componente vertical é superior.

3.A.1.c.a — Caso em que a componente paralela é maior.

3.A.2 — Fatores que influem no equilíbrio das vertentes.

3.A.2.a — Valor da inclinação do terreno.

3.A.2.b — Natureza das rochas.

3.A.2.c — O clima.

2.^a EVOLUÇÃO DAS VERTENTES —

3.B. — Noção de limite da alteração dos processos.

3.B.1 — Limite do destaque das partículas nas encostas.

3.B.2 — Limite de paralisação ou estabilização das partículas.

3.B.3 — As conseqüências destes limites e o perfil de encosta.

3.B.3.a — Fatores que influem nos limites.

3.B.3.a1 — A inclinação.

3.B.3.a2 — A litologia.

3.B.3.a3 — O clima.

3.B.3.a4 — A vegetação.

3.C — Noção de freqüência.

3.C.1 — Os fatores que comandam o modelado das vertentes.

3.C.A. — A intensidade de dissecação e as maneiras como se verifica o crescimento da velocidade de aprofundamento dos talvegues no tempo.

3.C.1.Aa — As rupturas de equilíbrio rápidas e suas implicações.

3.C.1.Ab — As acelerações dos processos.

3.C.1.B — As diferenciações de freqüência no espaço.

3.C.B.a — Os processos localizados descontínuos no tempo e em suas condições de funcionamento.

3.C.1.B.b — Os processos contínuos no tempo e no espaço.

3.C.1.B.c — As conseqüências na evolução da paisagem.

3.^a EVOLUÇÃO DAS VERTENTES —

3.C — O fator morfoclimático e sua importância.

3.C.1 — As diferentes zonas climáticas da Terra.

3.C.1.A — Os problemas na zona tropical úmida.

3.C.1.B — Na zona tropical seca.

3.C.1.C — A região semi-árida.

3.C.1.D — As regiões periglaciais.

3.C.1.E — As zonas temperadas úmidas.

3.C.2 — A evolução do clima no correr das eras geológicas e suas conseqüências.

3.D — Conclusão.

4.^a RELÉVO DO BRASIL —

I. — O problema da divisão do Brasil em formas de relêvo.

I.A — As divisões primitivas — suas dificuldades.

I.B — As divisões baseadas unicamente na forma aparente.

I.B.a — A divisão morfotectônica.

I.C — Uma divisão morfoclimática.

I.D — Uma divisão onde se associam os dois critérios.

I.D.1 — A divisão para fins didáticos.

5.^a PROJEÇÕES DE "SLIDES" sobre a matéria dada.

FITOGEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL — Prof. KUHLMANN — (5 aulas).

1.^a *Noções gerais de fitogeografia* —

1 Flora.

2 Vegetação.

3 Dinâmica da vegetação.

2.^a *Tipos de vegetação do mundo* —

3.^a *Tipos de vegetação do Brasil* —

— Tipos florestais:

1 Floresta latifoliada perene.

2 Floresta latifoliada semidecídua.

3 Floresta de pinheiro.

4 Manguezal.

4.^a *Tipos de vegetação do Brasil* —

- 1 Caatinga.
- 2 Cerrados.

5.^a *Tipos de vegetação do Brasil* —

Tipos mistos e tipos campestres —

I Mistos:

- 1 Restinga.
- 2 Vegetação mista de mata e campo.

II Campestres —

1 Campo limpo

- a) Estepe — Campos do Rio Branco.
- b) Campos do Planalto Meridional e da Campanha.
- c) Campos serranos e campos de várzea.

2 Campos sujos.

GEOGRAFIA AGRÁRIA GERAL

Porf. ORLANDO VALVERDE — (5 aulas).

1.^a *Metodologia da Geografia Agrária*

I — Histórico.

II — Denominação.

III — Definição.

IV — Metodologia.

— Os três critérios de WAIBEL:

- Geografia Agrícola Estatística;
- Geografia Agrícola Ecológica;
- Geografia Agrícola Fisionômica.

— Interpretação histórica (*historical approach*).

— Influências econômicas e sociais:

- Objetivo da produção (*aim of production*);
- O fator distância do mercado;
- Conceitos de sistema agrícola, forma de economia e modo de produção.

— A Geografia Agrária como ramo da Geografia Econômica.

2.^o *Sistemas extensivos de agricultura* —

— Introdução:

— Os elementos fundamentais da atividade agrícola: terra, capital e trabalho.

— Sistemas agrícolas extensivos — rotação de terras;

Sistemas agrícolas intensivos — rotação de culturas.

— Agricultura itinerante (sistema de roças):

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Rotação de terras melhorada:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Rotação bienal:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Rotação trienal:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Sistema rotativo de culturas e pastagens:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Culturas com terras de pousio nos países novos:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

— Conclusões.

3.^a *Sistemas intensivos de agricultura* —

— Trabalho abundante — rotação de culturas.

— Sistema chinês:

— características;

— distribuição geográfica;

— análise crítica.

- Sistema egípcio:
 - características;
 - distribuição geográfica;
 - análise crítica.
 - Sistema quíchua:
 - características;
 - distribuição geográfica;
 - análise crítica.
 - Sistemas flamengo e inglês:
 - características;
 - distribuição geográfica;
 - análise crítica.
 - Conclusões.
- 4.^a *Plantation* —
- 1 — Conceito de *plantation*: definição e discussão.
 - 2 — Histórico das *plantations* no mundo, até os nossos dias.
 - 3 — Tipos de *plantations*, segundo PIERRE GEORGE.
 - 4 — Crítica do sistema e suas tendências no Brasil e no estrangeiro.
- 5.^a *Pequenas culturas comerciais* —
- Fumo:
 - Regiões produtoras.
 - Oeste do Recôncavo:
 - posição e condições naturais;
 - sistema agrícola e regimes de propriedade;
 - relações de trabalho e níveis de vida.
 - Arapiraca:
 - posição e condições naturais;
 - sistema agrícola e regimes de propriedade;
 - relações de trabalho e níveis de vida.
 - Santa Cruz do Sul.
 - Outras regiões fumícolas.
 - Algodão:
 - Regiões produtoras.
 - Surtos algodoeiros do Brasil.
 - A região algodoeira paulista; comparação com a dos Estados Unidos.
- Agave e café:
 - Comparação entre as condições e a rentabilidade dos pequenos e grandes produtores (*plantations*).
 - Conclusões.
- POPULAÇÃO NO MUNDO — PROFESSOR ALUIZIO CAPDEVILLE DUARTE — (2 aulas).
- 1.^a *A população da Terra* —
- 1 — O que é Geografia da População?
 - 1.1 — Geografia da População e Demografia.
 - 1.2 — Importância do estado geográfico da população.
 - 1.3 — Bibliografia sobre o assunto.
 - 2 — A população do mundo.
 - 2.1 — Os principais países, sua população absoluta e as densidades demográficas.
 - 3 — A repartição da população mundial.
 - 3.1 — os grandes adensamentos populacionais.
 - 3.2 — os vazios demográficos.
 - 3.3 — fatores da desigual repartição da população do mundo.
- 2.^a *Aspectos dinâmicos da população mundial* —
- 1 — O crescimento da população.
 - 1.1 — suas características gerais.
 - 1.2 — o crescimento demográfico nas áreas de diferente desenvolvimento econômico — suas consequências.

- 1.3 — fatores do crescimento da população mundial.
- 2 — As taxas de natalidade e mortalidade — suas características.
- 3 — Os regimes demográficos.
- 4 — A população do mundo e os recursos naturais: conclusões.
- AS GRANDES METRÓPOLES MUNDIAIS** — Professora HILDA DA SILVA — (2 aulas).
- 1.^a I — *As condições para o crescimento urbano* —
— a indústria, fator de expansão urbana.
— o comércio.
— a atração cultural e social exercida pelas cidades.
- II — *Como identificar uma grande metrópole* —
— características.
— formação — conurbação aglutinação.
- III — *O que é uma metrópole?*
— Definição.
- IV — *As grandes metrópoles mundiais*
— Nova York, Londres, Paris, Tóquio.
- V — *As grandes metrópoles do mundo europeu.*
- VI — *As grandes metrópoles do mundo afro-asiático.*
- VII — *As grandes metrópoles do mundo americano.*
- VIII — *As grandes metrópoles brasileiras.*
- 2.^a *As grandes cidades do mundo* —
- I — As condições naturais do sítio e da posição de Nova York e seu papel e importância no desenvolvimento da cidade.
- II — Como se processou o crescimento urbano — a estrutura interna.
- III — Nova York, cidade da imigração.
- IV — As funções de Nova York.
- V — Nova York, a maior aglomeração urbana do mundo.
- VI — Problemas: transporte.
São Paulo —
- I — A região metropolitana paulista, segundo o conceito da SAGMACS e da Comissão de Pesquisa Urbana da Prefeitura.
- II — Os fatores do desenvolvimento da cidade de São Paulo.
— o sítio e a posição.
— o desenvolvimento econômico da região
= — a cana-de-açúcar
= — o café
— o papel relevante das ferrovias.
- III — A última etapa do desenvolvimento urbano.
— a industrialização.
- IV — São Paulo, a maior metrópole brasileira.
- GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS**
— Prof. PEDRO PINCHAS GEIGER — (2 aulas).
- 1.^a *Os objetivos da Geografia das Indústrias* —
Problemas da localização industrial e da organização regional.
Os métodos de pesquisa na Geografia das Indústrias.
Geografia das Indústrias e Geografia da Energia.
- 2.^a *Geografia das Indústrias no Brasil* —
Fatores e condições de seu desenvolvimento.
Complexos industriais e regiões industriais no Brasil.
- COMÉRCIO DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS NO BRASIL** — PROFESSORA MYRIAM G. GOMES C. MESQUITA — (2 aulas).
- 1.^a *Comércio no Brasil Colônia* —
Introdução: Noções gerais sobre o comércio interno de gêneros alimentícios nos mercados urbanos.

- 1 — Produtos agrícolas.
 - 2 — Produtos originários da pecuária.
 - 3 — Importância do comércio de gado.
- 2.^a *Formas atuais do comércio dos gêneros alimentícios de base* —
- 1 — As feiras do Nordeste e sua importância no abastecimento das cidades da região:
 - a — grandes feiras e o comércio de gado.
 - b — feiras que abastecem pequenos núcleos urbanos.
 - 2 — O mercado da cidade do Rio de Janeiro.
 - a) Consumo e zonas de produção.
 - b) Transportes e comércio atacadista.
 - c) Comércio varejista.
- VIAS DE CIRCULAÇÃO — Professôra LYSIA MARIA C. BERNARDES — (3 aulas) —
- 1.^a *O quadro geral da circulação no Brasil até o início do século XIX* —
- 1) Condições naturais que influíram na organização da rede viária. As dimensões do país. A extensão da linha de costa. As redes hidrográficas. O relevo. As florestas.
 - 2) Condições históricas e econômicas. O povoamento nucleado no litoral e no interior. O isolamento dos diferentes focos. Os caminhos de penetração.
 - 3) A rede de circulação e os grandes ciclos econômicos. O papel da navegação para as zonas canavieiras. Os caminhos do gado. Os caminhos do ouro. Os caminhos ligados à expansão das áreas agrícolas.
- 2.^a *O quadro atual da circulação no Brasil* —
- 1) Ferrovia e rodovia. Expansão e concorrência.
 - 2) O problema da navegação de cabotagem.
 - 3) O papel da navegação aérea.
- 3.^a *Rêdes urbanas do Brasil* —
- 1 — As gerações de cidades brasileiras e a constituição das rêdes urbanas. Relações com o povoamento, a evolução econômica e a circulação.
 - 2 — As rêdes urbanas atuais:
 - A Amazônia e sua metrópole comercial.
 - As rêdes urbanas nordestinas e o papel do Recife.
 - Salvador e a sua função metropolitana.
 - Rio e São Paulo, as duas metrópoles absolutas.
 - Pôrto Alegre, a metrópole do Sul.
 - 3 — *Conclusões* — A dinâmica atual e o papel desempenhado:
 - a) pela circulação;
 - b) pela industrialização.
- DIDÁTICA GERAL E ESPECIAL — Prof. CLOVES DE B. DOTTORI — (4 aulas) .
- CONFERÊNCIA
- Prof. HÉLIO BRUM
- TÍTULO: *O Papel da Supra na Formulação da Política Agrária Nacional*
- 1 — Necessidade de uma política agrária nacional
 - 2 — Imperativo de sua implantação consentânea ao processo de desenvolvimento econômico do Brasil
 - 3 — A reforma agrária
 - 4 — A colonização

- 5 — As técnicas e processos de desenvolvimento e organização de comunidade, como instrumento de uma política agrária global
 6 — A regulamentação da lei delegada número 11
 7 — Conclusões

Corpo discente

Verificou-se êste ano, maior afluência de alunos -professôres vindos de pontos distantes do país, o que não ocorria em anos anteriores. Concorreu para isto, sem dúvida, a atuação dos Diretórios Regionais de Geografia, sediados nas capitais dos estados, que obedeceram a instruções da Secretaria-Geral do CNG., neste sentido, e ainda a ajuda prestada pelos governos estaduais.

Inscreveram-se no curso 43 alunos, assim distribuídos:

AMAZONAS

- 1 — Myrtes Marques Trigueiro —

PARÁ

- 2 — Dídio Cruz Neto —
 3 — Osmarino Santos Campos —
 4 — Péricles da Mota Oliveira —

PIAUI

- 5 — José Raimundo da Silva —

CEARÁ

- 6 — Francisco Coelho Figueiredo —
 7 — Zaira Maria Parente de Vasconcelos —

PARAÍBA

- 8 — Maria Cavalcanti Brás (Irmã Maria Sílvia) —
 9 — Maria Josélia Monteiro (Irmã Maria Roberta) —

PERNAMBUCO

- 10 — Estela Pereira de Macedo —

BAHIA

- 11 — Edla Moreira Rosa —
 12 — Mary Santos Silva —

MINAS GERAIS

- 13 — Auta Bahia —
 14 — Celestina Camélier —

- 15 — Ivone Isabel da Rocha —
 13 — Judite Pereira da Silva —
 17 — Olga Caciquinho Pacheco Filha —

ESPÍRITO SANTO

- 13 — Liene de Freitas Lima —

RIO DE JANEIRO

- 19 — Eva Mila Miranda Sá Magalhães —
 20 — Helena Alice Schmidt —
 21 — Ilza Luísa de Sousa —
 22 — João Mendes da Silva —
 23 — Léia Salomão Olives —
 24 — Luci Pinto Galego —
 25 — Maria Margarida Chehab —
 26 — Paulo Norberto Hack —

GUANABARA

- 27 — Antônio Francisco da Silva —
 28 — Aires Moura Reis —
 29 — Bartolomeu F. Vieira —
 30 — Eduardo Moura da Silva Rosa —
 31 — Ester Cavalcanti de Albuquerque Pirajibe de Magalhães —
 32 — Iara do Vale Cordeiro —
 33 — Luci Alves Martins —
 34 — Maria Amélia dos Santos Aragão —
 35 — Maria Lúcia de Almeida —
 36 — Maria Machado Portes —
 37 — Nei Julião Barroso —
 38 — Ricardo Brunow Costa —
 39 — Vicente Albani —
 40 — Walter de Alencar —

SANTA CATARINA

- 41 — Odair Gercino da Silva —

RIO GRANDE DO SUL

- 42 — Neusa Damasceno de Castro —
 43 — Teresa de Maria C. Vargas —

Instruções gerais sôbre os cursos

Os cursos, como já é sabido, terão por finalidade o aperfeiçoamento de professôres de Geografia do ensino secundário, constando de seu Regimento:

BÔLSAS

1. O número e a importância das bôlsas serão fixados, cada ano, pelo Diretório Central, atendendo, em princípio:

- a) às disponibilidades orçamentárias do CNG;
- b) ao valor provável das despesas de alimentação e pousada no local da sede do CNG;
- c) ao preço da viagem do local de procedência à sede do CNG.

- b) maior tempo de magistério;
- c) maior número de turmas de Geografia, lecionadas no ano anterior;
- d) menor idade.

CORPO DISCENTE

2. Poderão freqüentar os cursos os professores:

- indicados como bolsistas pelos Diretórios Regionais;
- indicados como bolsistas pelos governos estaduais e municipais;
- indicados como bolsistas pelos países estrangeiros, diretamente ou através do Ministério das Relações Exteriores;
- inscritos por conta própria.

3. Os Diretórios Regionais se incumbirão de fazer a divulgação nas unidades da Federação que representam e receberão indicações de candidatos dos Conselhos Estaduais e das Secretarias da Educação, dos estabelecimentos de ensino secundário (estaduais, municipais e particulares), para uma primeira seleção.

4. Enquanto a sede do CNG permanecer na cidade do Rio de Janeiro, os professores residentes neste estado, nos municípios fluminenses limitrofes e nos situados à margem da baía de Guanabara (Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Majé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Itaguaí) poderão freqüentar os cursos sem direito a bolsa de estudo.

5. Será facultada a freqüência, como ouvintes, de alunos de Faculdades de Filosofia, que estejam concluindo o curso de Geografia ou outros que possuam matérias afins desta ciência, como também de alunos de Faculdades de Ciências Econômicas, não sendo permitido aos mesmos a prestação das provas.

6. A seleção dos bolsistas obedecerá ao seguinte critério preferencial:

- a) professores em estabelecimentos de ensino: estaduais, municipais e particulares);

7. A prova dos requisitos acima será feita por comunicação dos Diretórios Regionais, ou por certidões de autoridade competente, e, excepcionalmente, por declaração do próprio punho, em ambos os casos com firma reconhecida.

8. Aos alunos não bolsistas é exigida, no ato de inscrição, a apresentação do registro ou cartão de protocolo que comprove o processamento do mesmo no Ministério da Educação e Cultura.

PARTICIPANTES

9. A organização dos cursos, em pessoal, obedecerá ao seguinte:

- *Diretor*: O diretor da Divisão Cultural e, no seu impedimento, o diretor-substituto.
- *Diretor de ensino*: O chefe da Secção de Divulgação Cultural e, no impedimento do mesmo, o encarregado do Setor de Assistência ao Ensino.
- *Secretário*: O encarregado do Setor de Assistência ao Ensino, e no seu impedimento, um funcionário do mesmo Setor.
- *Professores e conferencistas*: Escolhidos dentre os geógrafos do CNG e geógrafos ou professores de Geografia, especialmente convidados.
- *Corpo discente*: Os alunos selecionados, de acôrdo com o presente regimento.
- *Administração*: O pessoal de administração dos cursos será formado pelos funcionários do Setor de Assistência ao Ensino ou organizado por funcionários a êle estranhos, de acôrdo com os

interesses do serviço. Em princípio, será constituído:

- de um encarregado de relações públicas;
- de dois dactilógrafos;
- de dois operadores de mimeógrafo;
- de um operador de filmes e dispositivos;
- de um servente ou contínuo.

CALENDÁRIO

10. Anualmente, as datas e períodos para a realização dos cursos serão assim determinados:

- *Início do curso*: Deverá ser comunicado ao Diretórios Regionais, no mínimo, com 45 dias de antecedência.
- *Divulgação pelos Diretórios Regionais nas unidades da Federação*: Será feita até o 30.º dia que anteceder o início.
- *Remessa da documentação dos candidatos selecionados pelos Diretórios*: Deverá chegar ao CNG até 20 dias antes da abertura.
- *Inscrições e comunicação aos candidatos selecionados pela Secretaria-Geral*: Até o 5.º dia que anteceder a abertura.
- *Apresentação dos candidatos*: Até a véspera da abertura.
- *Período letivo*: A ser fixado anualmente, com a duração mínima de três e quatro semanas respectivamente.
- *Encerramento*: No último dia do período letivo.
- *Apresentação do relatório pelo diretor do curso*: até 30 (trinta) dias após o encerramento.

11. Só serão admitidos os retardatários, inscritos dentro do prazo estipulado, que se apresentarem, no máximo, dentro da primeira semana de aula.

DEVERES E DIREITOS DOS ALUNOS

12. Serão exigidos 3/4 de frequência em tôdas as atividades dos cursos (aulas, conferências, visitas, excursões, etc.) para a prestação das provas.

13. Aos bolsistas é obrigatória a prestação das provas, a apresentação de trabalhos práticos e o comparecimento às excursões e visitas.

14. Aos alunos aprovados (com nota igual ou superior a 40 por matéria e 50 na global), que tenham tido a frequência exigida, serão conferidos certificados de aprovação, assinados pelo diretor do curso e pelo secretário-geral. Não poderão ser fornecidos certificados de frequência.

15. Aos alunos aprovados nos três primeiros lugares serão oferecidas, como prêmios, publicações do CNG escolhidas entre as mais recentes e de maior interesse para o ensino da Geografia.

16. Receberão apostilas de tôdas as aulas dadas, logo após a realização da última de cada série.

17. Receberão, também, publicações indicadas pelos professores de acordo com o interesse dos assuntos tratados nas aulas.

18. Poderão apresentar críticas e sugestões, que constituirão objeto de estudo para possível aproveitamento nos cursos posteriores.

DEVERES E DIREITOS DOS PROFESSORES E CONFERENCISTAS

19. Os professores e conferencistas deverão apresentar à direção dos cursos:

- a) até 15 dias antes do início dos cursos, os programas, geral e pormenorizado, da matéria das aulas e conferências sob sua responsabilidade;
- b) até 10 dias antes de sua primeira, as súmulas de tôdas as aulas a serem ministradas;
- c) até a véspera o resumo de cada conferência a ser proferida;
- d) as questões das provas até a antevéspera das mesmas;

- e) as provas corrigidas até a véspera do dia do encerramento dos cursos.

20. Aos professores e conferencistas serão concedidos certificados sobre a matéria e o número das aulas ministradas e conferências proferidas.

21. Aos professores, conferencistas e dirigentes das visitas e excursões, será concedida uma gratificação *pro-labore* a ser fixada pela Secretaria-Geral. Para efeito de remuneração, serão consideradas como aulas práticas os seminários e as projeções de filmes e diapositivos.

PREPARAÇÃO DOS CURSOS

22. A Secretaria-Geral apresentará ao Diretório Central, com tempo suficiente em relação à data de comunicação aos Diretórios Regionais, um projeto de resolução fixando: data de início dos cursos, número e valor das bolsas, gratificação aos professores e conferencistas.

23. O diretor do curso deverá apresentar ao secretário-geral para aprovação:

- a) O programa geral do curso, no qual serão fixadas as matérias e o número das aulas e conferências, com o nome dos professores e conferencistas, os locais e dirigentes das visitas e excursões, e as normas gerais a serem seguidas durante estas últimas.
- b) Um programa pormenorizado em que serão fixados os assuntos de cada aula e conferência, com os nomes dos respectivos responsáveis.
- c) Um quadro de distribuição do tempo, tão pormenorizado quanto possível, com dias e horas de todas as atividades programadas.
- d) A previsão das despesas para a realização dos cursos, inclusive com o nome dos professores, conferencistas e integrantes da parte administrativa, para efeito do pagamento das

gratificações, acrescida de uma parcela para despesas eventuais.

- e) Os programas das visitas e excursões, nos quais deverão constar: suas finalidades, organização pormenorizada, itinerário e aspectos a serem observados, medidas administrativas necessárias a que as mesmas alcancem os objetivos visados.
- f) O programa dos seminários, com os nomes do expositor e dos debatedores, quando fôr o caso.
- g) Os programas das solenidades de abertura e encerramento.

24. Toda documentação elaborada pela direção dos cursos, visando ao seu preparo e desenvolvimento, será distribuída aos corpos docente e discente como orientação às atividades semelhantes que possam vir a realizar.

25. Serão ainda distribuídas:

- a relação dos professores e conferencistas, com seus endereços e títulos principais;
- a relação dos integrantes do corpo discente, com seus endereços e locais de procedência.

DESENVOLVIMENTO DOS CURSOS

26. Os cursos compreenderão aulas, conferências, seminários, visitas, excursões, projeção de filmes e diapositivos.

27. As aulas terão a duração de 50 minutos, devendo ser rigorosamente observado o intervalo de 10 minutos entre as mesmas.

28. A duração das conferências e seminários será fixada pelo diretor dos cursos, atendido o interesse do assunto tratado.

29. As visitas, sempre em instituições de interesse geográfico, deverão ser marcadas na parte da tarde, ou sábado pela manhã, a fim de não prejudicar o horário das aulas.

30. As excursões poderão ter a duração de um ou mais dias, devendo ser realizadas, de preferência, aos sábados e domingos. A programação para as mesmas deverá ser distribuída aos interessados na véspera.

31. De acôrdo com a conveniência didática as projeções de filmes e diapositivos serão grupadas em sessões especiais, com a presença dos respectivos professores, ou poderão ser feitas durante as aulas. L.

Curso de Fitogeografia

Anualmente, sob o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas, o professor ALBERTO CASTELLANOS ministra o curso de Fitogeografia no Museu Nacional. A princípio, destinado ao aprimoramento de naturalistas, passou logo a seguir a despertar o interesse dos geógrafos. Este fato, contribuiu para que o professor CASTELLANOS entrasse em contacto com o Conselho Nacional de Geografia, que em boa hora acatou a idéia, consentindo na realização do curso em sua sede.

Iniciado a 4 de junho, o curso se estendeu até 3 de dezembro, contando com aulas às segundas-feiras. Uma excursão ao estado da Guanabara, permitiu aos alunos uma aplicação dos conhecimentos teóricos, além dos trabalhos específicos atribuídos a cada um.

Contanto inicialmente com 15 inscritos, apenas 6 frequentaram-no até o fim e realizaram os trabalhos previstos: IVAN SANTOS CABRAL, JOSÉ DE PAULA LANNA SOBRINHO, SEBASTIÃO ARAÚJO FERREIRA DA SILVA, ANTÔNIO LUÍS DIAS DE ALMEIDA, MAURÍCIO COELHO VIEIRA e PEDRO PINCHAS GEIGER, sendo 3 da Reserva Biológica do estado e 3 do Conselho Nacional de Geografia.

A. CASTELLANOS

Programa de Fitogeografia

PROGRAMA ANALÍTICO

I — Teoria

Conceito de flora, vegetação, aclimação, adaptação, e harmonia, etc.

Fator aéreo

Composição química do ar na época atual. Pressão atmosférica. Ar na água. Ar no solo. Composição física do ar. Circulação do ar; ventos. Sua ação autoecológica e sinecológica. Limite da árvore.

Fator térmico

Constantes térmicas: mínimo, máximo e ótimo. A temperatura do ar. Drenagem no ar frio. Temperatura do solo e da água. Meios de proteção. A temperatura e a distribuição das plantas.

Fator hídrico

Umidade atmosférica. Nuvens. Neblina. Orvalho. Geada. Chuvas. Neve. Granizo. Deficit de saturação. Água no solo. Classificação de DE CANDOLLE. A água como fator de distribuição das plantas.

Fator fótico

Importância do fator fótico. Medição da luz. Heliófilos e esciófilos. Tolerantes e intolerantes. A luz no ar e na água. O dia e a noite. Cór das flóres. Fotoperiodismo.

Análise das principais classificações de clima.

Fator edáfico

Pedologia ou Edafologia. Análise mecânica, física e química. Fatôres: aéreo, térmico, hídrico e biótico do solo. Gênese dos solos. Tipologia dos solos.

Fator geográfico

Auto e sinecologia. Localidade. *Habitat*. Estação. Estações arvenses ou agrestes, viárias, ruderais e rivulares. Geografia. Paleogeografia. Mapas geográficos.

Fator biótico

Sociologia. Animais e plantas no solo, no ar e na água. As plantas entre si. O homem.